

# Orquestra Barroca

Casa da Música

# Remix Ensemble

Casa da Música

**Huw Daniel** violino e direcção musical

**Peter Rundel** direcção musical

**12 Nov 2019 · 19:30 Sala Suggia**

À VOLTA DO BARROCO

CICLO BARROCO BPI



casa da música

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA





Maestro Peter Rundel sobre  
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/372342816>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

**resco**  
RESEMI  
RESEMI

**REMA**  
RESEMI

**EUROPE JAZZ NETWORK**

**ECHO** EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

**TENSO**

## Orquestra Barroca Casa da Música

### Antonio Vivaldi

Concerto para quatro violinos e violoncelo em Ré maior, op. 3 n.º 1, de *L'estro armonico*, RV 549 (1711; c.7min)

1. *Allegro*
2. *Largo e spicacato*
3. *Allegro*

### Henry Purcell

*Fantasia, Three parts upon a ground* em Ré maior, Z. 731 (c.1678?; c.5min)

### Johann Pachelbel

Cânone e Giga em Ré maior (c.1690-1706?; c.7min)

### Unico Wilhelm van Wassenaer

Concerto II em Si bemol maior, de *VI Concerti Armonici* (1740; c.8min)

1. *Largo andante*
2. *[Fuga] Da capella: Presto*
3. *Largo affettuoso*
4. *Allegro moderato e staccato*

### John Blow

*Chaconne* em Sol maior (c.1670-90?; c.5min)

### Johann Sebastian Bach

Concerto Brandeburguês n.º 3 em Sol maior, BWV 1048 (1713-21?; c.11min)

1. *[Tempo ordinario]*
2. *Adagio\**
3. *Allegro*

\*Largo da Sonata para violino e contínuo, em Sol maior, BWV 1021 (1730-34?)

## Remix Ensemble Casa da Música

### Pedro Lima

*Talkin(g) (A)bout My Generation* (2019; c.12min)\*

### Conlon Nancarrow/Yvar Mikhashoff

Estudos para pianola – arranjos para orquestra de câmara (1949-60; c.30min)\*\*

- Estudo n.º 1
- Estudo n.º 3c
- Estudo n.º 12
- Estudo n.º 6
- Estudo n.º 7

\*Estreia mundial; encomenda Casa da Música ao Jovem Compositor em Residência.

\*\*Estreia em Portugal.

## Dissimulado virtuosismo

A coleção *L'estro armonico* foi publicada por **Antonio Vivaldi** (1678-1741) em Amsterdão, em 1711. Esta sua 1ª publicação de concertos foi fundamental para a sua fama mas também para a divulgação do novo género do concerto solista veneziano no Norte da Europa. Através dela, compositores como J. S. Bach travaram contacto com os mais recentes desenvolvimentos no campo da música instrumental italiana. Bach transcreveu para órgão ou cravo a quase totalidade dos concertos desta coleção e a influência no seu estilo é inegável. *L'estro armonico* inclui quatro concertos para violino solo, quatro para dois violinos e quatro para quatro violinos. As obras são escritas em sete partes reais, com duas partes de viola, uma textura densa e rica mas que será abandonada nas obras posteriores. Vivaldi explora de forma muito efectiva as várias possibilidades resultantes de uma combinação de solistas pouco usual e que coloca vários desafios ao nível da escrita e da interpretação. O compositor é cauteloso no virtuosismo exigido aos intérpretes, pois estas publicações destinavam-se sobretudo a *dilettanti*.

A *Fantazia, Three parts upon a ground* de **Henry Purcell** (1659-1695) é uma obra híbrida, formal e estilisticamente ambígua. Nela, o compositor combina tradições diferentes e algo contraditórias, num *tour de force* propostado, de forma a destacar o seu grande talento como contrapontista. Um *ground* é um baixo *ostinato*, que se repete 'obstinadamente' do princípio ao fim da obra. Os *grounds* ingleses assemelham-se às *chaconnes* e *passacailles*. O baixo fixo é com frequência associado a uma igualmente fixa sequência

harmónica, sobre a qual as vozes superiores desenvolvem novas linhas melódicas, semelhantes a uma série de variações. Nesta obra exploram-se sobretudo complexas técnicas imitativas. A escrita polifónica em contraponto rigoroso, recorrendo a técnicas sofisticadas como imitações canónicas ou o uso invertido dos temas, é característica do género *fantasia*, cultivado pelos compositores ingleses do Renascimento, em obras para tecla ou para *consort* de violas da gamba. A escolha de três violinos deve-se à crescente influência da música continental (francesa e italiana) após a Restauração da monarquia inglesa. Purcell manifesta assim a sua deferência perante a herança musical do seu país, através do meticuloso estudo das formas do passado e da obra dos seus predecessores.

O *cânone* para três violinos de **Johann Pachelbel** (1653-1706) é construído igualmente sobre um baixo *ostinato* – que, por mera coincidência, é muitíssimo semelhante ao baixo usado por Purcell – mas é uma obra muito menos pretensiosa, ainda que particularmente idiomática e atraente. A sequência harmónica bastante simples repete-se 28 vezes, associando mais uma vez elementos da *chaconne/passacaille* às regras estritas da imitação canónica. Os três violinos imitam-se rigorosamente num *cânone* ao uníssono (isto é, exactamente com as mesmas notas) à distância de apenas dois compassos. A *giga* que sucede ao *cânone* explora também a imitação entre as três partes superiores, mas de uma forma mais relaxada. O carácter desta dança é enérgico e vigoroso, e nela se evidencia a familiaridade do compositor com os estilos italiano e francês. Este par de andamentos faz parte de um pequeno grupo de obras de câmara escritas por Pachelbel, um

dos maiores organistas alemães do período Barroco. O seu legado é composto sobretudo por obras para tecla e por composições vocais sacras, e a sua seminal influência sobre J. S. Bach é hoje sobejamente reconhecida.

Os 6 *Concerti Armonici* foram editados em Haia, em 1740, com uma dedicatória assinada pelo violinista italiano Carlo Ricciotti, que nela os atribui a uma 'ilustre mão'. O anonimato fez com que estes concertos, muito populares sobretudo a partir de uma segunda edição pirateada em Londres por John Walsh, circulassem desde o século XVIII até aos nossos dias com atribuições a variadíssimos autores, incluindo Händel e, sobretudo, Pergolesi. Foi sob esta atribuição que Stravinski reutilizou alguns extractos no seu bailado *Pulcinella*, de 1919. O manuscrito autógrafo original, assinado, só foi encontrado em 1980 num castelo holandês e inclui uma breve nota explicando a sua génese: os 6 Concertos foram compostos entre 1725 e 1740 pelo Conde **Único Guilherme Van Wassenaer** (1692-1766). Van Wassenaer exerceu a carreira diplomática como embaixador das Províncias Unidas em Paris e em Praga. Ainda na juventude viajou extensivamente, visitando Paris, Viena, Praga, Veneza, Florença, Roma e Nápoles. Terá aprofundado o seu talento musical ao longo destas viagens, e de regresso à Holanda natal organizava regularmente *academias* (concertos privados) no seu palácio, em que tomava parte como violinista. Os 6 Concertos encontram-se entre os mais belos compostos no Norte da Europa. Revelam, no seu estilo cosmopolita, as múltiplas viagens e experiências do seu autor. Destaca-se uma complexa e brilhante escrita concertante, com grande independência de todas as partes, nomeadamente nas fugas em rigoroso estilo eclesiástico. São

discerníveis traços galantes e afectuosos do estilo napolitano, e a leveza das danças revela a influência francesa.

**John Blow** (1649-1708) foi professor e colega de Purcell e um dos seus mais eminentes contemporâneos. Ocupou prestigiantes postos, como o de organista da Abadia de Westminster, mestre de coro da Catedral de S. Paulo e compositor da Capela Real, servindo as cortes de Carlos II, Jaime II e Maria II. A sua obra mais conhecida, a ópera (ou *Mask*) *Venus and Adonis*, serviu de modelo a *Dido and Aeneas* de Purcell, mas a sua extensa criação inclui ainda dezenas de odes celebrativas, mais de 100 composições sacras, inúmeras peças vocais de câmara e algumas peças para cravo. A *Chaconne* (ou *Chacony*) para cordas terá sido composta como parte de um entretenimento teatral. Esta dança, ao tempo de Blow recentemente importada de França, conquistou grande popularidade em Inglaterra devido às suas semelhanças com o indígena *ground*, como foi já referido. A obra de Blow, estruturada livremente em torno de uma sequência harmónica, ostenta grande complexidade contrapontística. Salientam-se as dissonâncias ácidas, cromatismos inesperados, modulações imprevisíveis e frequentes assimetrias de frase. Estas características, já encontradas na *Fantasia* de Purcell, são marcas distintivas do estilo da música inglesa da Restauração.

Os 6 Concertos ditos '*Brandeburgueses*' são das mais populares obras de **Johann Sebastian Bach** (1685-1750). Compilados em Köthen, onde Bach servia como *Kapellmeister* do príncipe Leopoldo de Anhalt-Cöthen, foram oferecidos ao Margrave de Brandeburgo Cristiano Luís, com vista à obtenção

de uma nova posição. Sob o título *Concerts à plusieurs instruments*, foram remetidos em 1721 ao Margrave, acompanhados de uma dedicatória em francês. No 3º Concerto, o diálogo é estabelecido entre três grupos de três instrumentos (três violinos, três violas e três violoncelos). Na insistência do número 3 pode-se especular uma hipotética simbologia religiosa – em alusão à Santíssima Trindade – ou, alternativamente, uma referência poética às nove musas no Parnaso. O primeiro andamento explora o diálogo, a imitação e a oposição concertante entre os três trios, suportados pelo baixo contínuo e com ricos contrastes de textura, que oscila entre três e nove partes reais. Foi mais tarde reutilizado por Bach como sinfonia da Cantata BWV 174, com o acrescento de partes para sopros. O último andamento é uma animada *giga* em 12/8 em que a parte do baixo é agora comum ao contínuo e aos três violoncelos. As seis vozes superiores, num aligeiramento da textura, são frequentemente reduzidas a apenas a duas ou três partes reais, e os episódios solísticos são dominados pelo 1º violino e pela 1ª viola. O segundo andamento é, na realidade, inexistente, uma vez que é constituído por apenas dois acordes formando uma *cadência frígia* (iv6 – V, para os melómanos mais curiosos). Cabe aos intérpretes preencher ou completar esta cadência.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2019

## Conlon Nancarrow

TEXARKANA (ARKANSAS), 27 DE OUTUBRO DE 1912  
CIDADE DO MÉXICO, 10 DE AGOSTO DE 1997

Foi nos anos trinta que o compositor americano Conlon Nancarrow começou a desenvolver técnicas de composição extremamente ambiciosas e complexas. Em virtude de muita produção musical sua ultrapassar o limite da capacidade de execução humana, Nancarrow encontra nas pianolas automáticas o instrumento ideal para exprimir e experimentar as suas ideias. Contudo, apesar de se tratar de um instrumento pouco próprio das salas de concerto, a sua música não deixou de ganhar reconhecimento internacional levando György Ligeti a afirmar que era “a maior descoberta desde a música de Webern e Charles Ives” e que, para ele, Nancarrow era o maior compositor vivo. Yvar Mikhashoff, compositor e virtuoso pianista que dedicou grande parte da carreira à interpretação de grandes obras contemporâneas, adaptou para ensemble alguns dos estudos de Nancarrow. Desta feita, a execução dos mesmos tornou-se “humanamente possível” ainda que, em alguns momentos, exista num limite técnico fabuloso.

### Estudo n.º 1

Um *ostinato* bastante vigoroso e rígido é constantemente repetido pelas cordas – em *pizzicato* – e pela mão esquerda do piano. Progressivamente, este material é modulado na sua identidade métrica gerando uma sensação de aceleração bastante notória. Várias linhas vistosas são desenhadas por cima desta rígida textura que auditivamente percebemos como acompanhamento que suporta estes exuberantes devaneios melódicos. A perfumada orquestração de Yvar Mikhashoff, com tanto de surpreendente como de tradicional,

revela-nos uma paleta de cores diversificada e original. Por fim o *ostinato*, que não nos deixou desde o começo, perde a velocidade, até mesmo a força, terminando assim, sem avisar, num único gesto seco e curto.

### Estudo n.º 3c

O começo deste estudo talvez pudesse ter sido retirado de um disco de jazz. Por cima de um *walkin bass* interpretado, claro está, pelo contrabaixo, um trompete enrouquecido pela surdina contrasta com linhas sincopadas, originando uma relação métrica entre os dois instrumentos verdadeiramente entusiasmante. Esta textura, comumente associada ao universo jazzístico, é desmontada e colorida com outros instrumentos do ensemble que progressivamente se juntam à conversa. Primeiro o piccolo com o clarinete e o piano, depois o saxofone tenor, que volta a fazer pairar uma nuvem própria de outros géneros musicais.

O material difunde-se noutros instrumentos do ensemble, destacando-se o momento em que o oboé e o fagote dão uma nova e surpreendente identidade às imprevisíveis linhas sincopadas estabelecidas desde o começo.

O final em *tutti* surge então como uma celebração desta imaginação colectiva – Colon e Yvar – mostrando a diversidade e a complexidade obtidas através de uma ideia simples, não uma simples ideia.

### Estudo n.º 12

A este estudo poderá reconhecer-se um certo *flirt* com o universo musical do período Barroco e, se quisermos, com a forma *ritornelo*, que em português significa “refrão”. Entenda-se este refrão como sendo o quadro harmónico que introduz o estudo, e as variações centrais que o separam como extensões em que os instrumentos executantes do

refrão assumem brevemente o papel de “solistas”. Primeiramente, o fagote no seu registo mais grave e possante, seguindo-se o som exótico do corne inglês e, por fim, o clarinete que traz consigo um carácter *quasi* improvisado. Note-se que o improvisado é um elemento também característico do período Barroco, conferido assim uma integridade estilística ao universo sonoro deste estudo. Regressamos novamente ao material do refrão, ligeiramente variado mas dotado de uma nobre calma que contrasta com toda a imprevisibilidade das linhas solistas. A partir deste momento o discurso musical torna-se mais volátil no seu desenrolar. Ouvem-se outros solos, como os da trompa, do fagote, do trompete e do piano, até que um certo sentido de urgência é trazido à música através de alternâncias fascinantes num conjunto de linhas melódicas executadas a uma velocidade surpreendente. Assistimos a um jogo de pergunta e resposta, mas por vezes a sobreposição deixa-nos na incerteza sobre qual era a pergunta e qual a resposta. É um momento musical pautado por um virtuosismo notável naquilo que parece ser uma herança incontornável da música originalmente escrita para pianola por Nancarrow, já que estas fogosas linhas existem, sem dúvida, no limiar das possibilidades.

### Estudo n.º 6

Há uma “simplicidade” profundamente agradável associada a este estudo. Um *ostinato* grave é partilhado pelos dois pianos com o contrabaixo a reforçar alguns pontos de apoio através dos seus longos *pizzicatos*. Eis que uma linha de oboé “canta” gentilmente por cima deste motor já estabelecido, conferindo à obra um sentido lírico-expressivo num universo que lembra irresistivelmente a paisagem sonora do tão afamado *Bolero* de Ravel. Por entre o oboé,

## Pedro Lima

BRAGA, 3 DE ABRIL DE 1994

### *Talkin(g) (A)bout My Generation*

Electrónica: Pedro Lima

Texto original: Gareth Matthey

Tradução: Rui Quaresma

Voz (gravação): Rose Stachniewska

De uma necessidade de partilhar algumas ideias que tenho sobre o mundo contemporâneo, surgiu a vontade para escrever esta peça. Não estou honestamente interessado em avaliações qualitativas ou juízos morais sobre aquilo que está certo ou o que está errado. Deixo isso para os outros.

Habitando a selva de Londres, onde diariamente me confronto com ideologias modernas, sinto-me, mais do que nunca, provocado para responder criativamente a características inseparáveis da geração *millennial*. E só Deus sabe a maravilhosa adrenalina que me aflui quando penso em multidões, quando penso no consumo, quando penso em mísseis, quando penso no fim. Estamos sem volante há algum tempo, não sei se o recuperaremos outra vez; mas, afinal de contas, que importa?

Esta obra é uma reacção a tudo isto, é uma aliteração musical e também uma estória que procura combinar o drama com o humor.

Em *Talkin(g) (A)bout My Generation*, o próprio veículo – a peça – tornou-se a mensagem. Ter o Remix Ensemble, um grupo de excelência absolutamente comprometido com a modernidade, a estrear esta obra é um luxuoso prazer que impregna a música de um sentido ainda mais visceral.

É dedicada a toda a minha geração.

PEDRO LIMA, 2019

a flauta, o clarinete e mais tarde os dois violinos, os motivos melódicos são trespassados através de uma orquestração sempre cuidada e inspirada. A celesta, em conjunto com alguns instrumentos ressonantes da percussão, garante uma certa suavidade a estas simbioses e mutações das diferentes linhas melódicas, as quais descobrem novos pontos harmónicos através das relações entre si. Este *ostinato* ou *passacaglia* (motivo repetido, normalmente no registo *grave*, ao longo de uma obra) encontra nos últimos cinco compassos a primeira e única alteração, num gesto que funciona como interruptor deste vagaroso, calmo e confortável “motor”.

### Estudo n.º 7

Um autêntico hino à polirritmia (uso simultâneo de duas ou mais estruturas rítmicas diferentes). Este fascinante estudo é o mais longo aqui apresentado. Na sua versão original, para pianola, dura aproximadamente 7 minutos. Na versão para ensemble estende-se até aos 10 minutos em virtude da necessidade de reduzir o andamento para que a música se torne “possível”. Assistimos então a uma surpreendente variedade de motivos sobrepostos e justapostos que imprimem a este estudo uma autonomia e idiosincrasia que nos convida a viajar numa narrativa musical muito própria. Em diversos seguimentos podemos escutar pequenos agrupamentos dentro do próprio ensemble, desde duos, trios, quartetos e até mesmo um *walkin bass* solitário, elementos que participam activamente num declarado contraste que se faz sentir ao longo de todo o estudo. Por outro lado, trechos de uma densidade aprofundada com motivos rítmicos quase dançáveis conferem-lhe uma adrenalina contagiante, que encontra o seu ponto de ebulição num delicioso e agitado final.



## Jovem Compositor em Residência

Pedro Lima vive em Londres e é  *fellow* na Guildhall School of Music and Drama. Formou-se no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e na Escola Superior de Música de Lisboa sob orientação de Paulo Bastos, João Madureira e Luís Tinoco. Estudou com Julian Philips na Guildhall School, onde completou com distinção o Mestrado em Opera Making & Writing. Actualmente trabalha com Julian Anderson.

O seu catálogo inclui obras vocais e de música de cena como *Theatro – Um Ensaio Geral* (2015-16), em co-criação com três jovens compositores (Francisco Fontes e José Diogo Martins), encomenda Theatro Circo/Conservatório Gulbenkian de Braga; *12 Steps* (2017), um pequeno drama para três cantores e piano estreado no Goodenough College de Londres; e *Reel Woman* (2018), uma ópera de câmara para seis cantores, ensemble e electrónica em tempo real, também estreada em Londres.

Entre os seus trabalhos orquestrais incluem-se *Sopro do Côncavo* (2015) para orquestra de sopros, obra premiada no Concurso Nacional da Banda Sinfónica Portuguesa e posteriormente estreada na Casa da Música; *ONCE AGAIN – Eternal Goodbyes* (2015) para orquestra sinfónica, estreada na Konzerthaus de Berlim e na Fundação Calouste Gulbenkian (estreia nacional), encomenda JOP/OCP; *{...}* e *tu de mim voaste* para orquestra sinfónica, obra galardoada com o Prémio de Composição SPA/Antena 2, estreada pela Orquestra Gulbenkian em 2016. Para instrumento solo, escreveu *STREAMING #1* (2017), para clarinete, co-encomenda Antena 2 e Prémio Jovens Músicos; e *YOU OFTEN FIND YOURSELF STUCK WITHIN SOMETHING WAITING FOR SOMETHING TO HAPPEN*

(2019), para guitarra, encomendada e estreada pelo guitarrista Daniel Paredes.

Enquanto Jovem Compositor em Residência na Casa da Música em 2019, Pedro Lima trabalha com o MAAT Saxophone Quartet, o Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Enquanto *performer*, autor e produtor, destaca-se o trabalho como membro do grupo *MAYOKONDOR*, um colectivo de criadores que se debruça sobre novas formas artísticas usando a *Virtual Reality* (Realidade Virtual) como provocação para um conjunto de criações eclécticas.

## Huw Daniel violino e direcção musical

Huw Daniel estudou na Ysgol Gyfun Ystalyfera, Sul de Gales, continuando depois como bolseiro em órgão no Robinson College (Cambridge), onde se diplomou em música com os máximos louvores em 2001. Estudou depois violino barroco na Royal Academy of Music durante dois anos, com Simon Standage. Em 2004, foi membro da Orquestra Barroca da União Europeia (OBUE), cujos membros formaram depois a Harmony of Nations e continuaram a apresentar-se sob este nome, tendo gravado dois CD.

É membro da Orchestra of the Age of Enlightenment, do Dunedin Consort e da Orquestra Barroca Irlandesa, além de concertino da Orquestra Barroca Casa da Música desde a sua fundação. Como concertino convidado, tem tocado e gravado com a OBUE, o English Concert, o King's Consort, The Sixteen e o Barokkanerne de Oslo. Dirigiu a Orchestra of the Age of Enlightenment numa digressão com a integral dos *Concertos Brandeburgueses*. Gravou dois CD de sonatas em trio de Purcell com Cecilia Bernardini e o King's Consort, e um disco com os concertos duplos de Bach com Cecilia Bernardini e o Dunedin Consort. É membro do Royal College of Organists e em 2014 foi nomeado membro da Royal Academy of Music. Toca num violino de Alessandro Mezzadri de ca. 1720, cedido pela Jumpstart Junior Foundation.

## Peter Rundel direcção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsinquia, da Rádio França e do Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma e as Sinfónicas de Viena e da Rádio de Frankfurt. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Depois de uma fantástica recepção pelo público do Festival de Salzburgo no Verão passado, à frente da Sinfónica SWR, inicia a temporada de 2019/2020 dirigindo agrupamentos como a Orchestra della Toscana, a Filarmónica Enescu, as Sinfónicas da Rádio Bávara e da Rádio de Berlim, a Basel Sinfonietta e a Sinfónica do Porto Casa da Música.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e

*Das Märchen e La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014. Com a estreia mundial de *Les Bienveillantes* de Hector Parras, encenada por Calixto Bieito, apresentou-se pela primeira vez na Ópera da Flandres, em 2019. Em Maio de 2020 estreia-se na Ópera de Zurique com *Mädchen mit dem Perlenohrring* de Stefan Wirth, em primeira audição mundial.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern (1984-1996), com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi Director Artístico da Orquestra Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. É maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música desde 2005. É regularmente convidado para leccionar em academias internacionais.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo por várias vezes o prestigioso Preis der Deutschen Schallplattenkritik (*Prometeo* de Nono; *Ensemble- und Orchesterwerke* de Kyburz; *City Life* de Reich; Concerto para piano de Furrer), o Grand Prix du Disque (integral de Barraqué), o ECHO Klassik (*Sprechgesänge* com o Ensemble Musikfabrik) e uma nomeação para o Grammy Award (*Surrogate Cities* de Heiner Goebbels).

## Orquestra Barroca

### Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreech, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambro-nay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas – incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal de Bach em concertos no Porto e em Ourense. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando

elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em actuações no Porto e em digressão – Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. A extraordinária *Missa em Si menor* de Bach encerrou o ano de 2018.

Em 2019, a Orquestra Barroca interpreta música que reflecte o fascínio dos europeus pelo Novo Mundo, com obras de Lully, Rameau, Purcell e Vivaldi, mas também as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli, escritas na América do Sul. O Concerto de Páscoa é um momento alto do ano, com o *Stabat Mater* de Pergolesi e a estreia de duas vozes de prestígio internacional no domínio da música antiga: o contratenor Iestyn Davies e a soprano Rowan Pierce. Trabalha pela primeira vez com a maestrina-violinista Amandine Beyer e faz concertos dedicados à *Arte da Fuga* de Bach e às *Vésperas* de Monteverdi.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

## Remix Ensemble

### Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais da ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adap-

tada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Harrison Birtwistle, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Oscar Bianchi e Philip Venables.

A temporada de 2019 do Remix Ensemble é alimentada pelas residências artísticas de dois notáveis músicos europeus: Peter Eötvös, num programa que inclui a estreia portuguesa do melodrama *Secret Kiss*, uma encomenda da Casa da Música em parceria com outras instituições internacionais; e Jörg Widmann, como clarinetista e maestro. Apresenta obras de Ligeti ao lado do pianista Pierre-Laurent Aimard, do violoncelista Lucas Fels e do trompetista Aleš Klančar. Mais tarde, divide o palco com a maestrina Sian Edwards e a violinista virtuosa Carolin Widmann, num programa que estreia duas obras encomendadas a Rebecca Saunders e Ângela da Ponte. Regressa ainda à *Arte da Fuga* de Bach, na versão desafiante de Johannes Schöllhorn que já deu origem a um disco aclamado pela crítica.

O Remix tem dezassete discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

**Orquestra Barroca**  
**Casa da Música**

**Violino**

Huw Daniel  
Reyes Gallardo  
Ariana Dantas  
Bárbara Barros  
Cecília Falcão  
Miriam Macaia  
Mariña García-Bouso

**Viola**

Trevor McTait  
Manuel Costa

**Violoncelo**

Filipe Quaresma  
Vanessa Pires  
Roberto Alonso Álvarez

**Contrabaixo**

José Fidalgo

**Cravo/Órgão**

Fernando Miguel Jalôto

**Remix Ensemble**  
**Casa da Música**

**Violino**

Angel Gimeno  
José Pereira

**Viola**

Trevor McTait

**Violoncelo**

Oliver Parr

**Contrabaixo**

António A. Aguiar

**Flauta**

Stephanie Wagner

**Oboé**

José Fernando Silva

**Clarinete**

Victor J. Pereira  
Ricardo Alves  
Edgar Silva

**Fagote**

Roberto Erculiani

**Trompa**

Nuno Vaz

**Trompete**

Aleš Klančar

**Trombone**

Ricardo Pereira

**Tuba**

Adélio Carneiro

**Percussão**

Mário Teixeira  
Manuel Campos

**Piano**

Jonathan Ayerst  
Vítor Pinho  
João Casimiro Almeida

**Acordeão**

José Valente

**Guitarra**

Júlio Guerreiro

**Saxofone**

Romeu Costa

**Electrónica**

Filipe Fernandes  
(Worten Digitópia)

# PRÓXIMOS CONCERTOS

13 NOV QUA · 21:00 SALA SUGGIA

## BEATRICE RANA

CICLO PIANO FUNDAÇÃO EDP

Obras de Chopin, Albéniz e Stravinski

17 NOV DOM · 18:00 SALA SUGGIA

## POLIFONIA INTEMPORAL

CORO CASA DA MÚSICA

PAUL HILLIER direção musical

Obras de Cristóbal de Morales, Fernão Gomes Correia, Manuel Cardoso,  
Pedro de Cristo, Alonso Lobo, David Fennessy e Tomás Luis de Victoria

22 NOV SEX · 21:00 SALA SUGGIA

## UM AMERICANO EM PARIS

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

TAKUO YUASA direção musical

Obras de Samuel Barber, Alberto Ginastera,  
George Gershwin e Robert Bennett

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

